

Procedimentos de criação artística para jogos cotidianos

Procedimientos de creación artística para juegos cotidianos

Artistic Creation Procedures for Everyday Games

Violeta Pavão ¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: O texto apresenta procedimentos de criação a partir de trânsitos performativos em cidades do oeste baiano realizados em 2023 por integrantes do Mutirão: Ateliê de Pesquisa em Artes Visuais, Corpo e Educação, grupo vinculado à Universidade Federal do Oeste da Bahia (Ufob). Esses procedimentos partem de oficinas de leitura, exercícios corporais, escrita e desenho sobre deslocamentos familiares e cotidianos, nos espaços públicos e privados de cada participante. Os deslocamentos nos levam a uma lista de verbos, substantivos e verbos que, sorteados, (des)orientam a caminhada coletiva. A pesquisa parte do livro Walkscapes: o caminhar como prática estética, de Francesco Careri (2013), e se estrutura na ideia de experiência de Roberto Corrêa dos Santos (2015); no método-desvio e na respiração do pensamento em Walter Benjamin, conforme retratado em Berenstein e Velloso (2023); na discussão sobre o corpo e as cidades através da retórica do caminhar de Certeau (2000); e no conceito de pesquisador cambono de Simas e Rufino (2018).

Palavras-chave: caminhada; procedimentos; Mutirão; cidade; corpo.

Resumen: El texto presenta procedimientos de creación basados en tránsitos performativos en ciudades del oeste de Bahía realizados en 2023 por miembros del Mutirão: Taller de Investigación en Artes Visuales, Cuerpo y Educación, del Universidade Federal do Oeste da Bahia (Ufob). Dichos procedimientos parten de talleres de lectura, ejercicios corporales, escritura y dibujo sobre desplazamientos familiares y cotidianos, en los espacios públicos y privados de cada participante. Los desplazamientos nos llevan a tres listas de verbos y sustantivos que, cuando sorteados, (des)orientan el viaje colectivo. La investigación se basa en el libro Walkscapes: o caminhar como prática estética, de Francesco Careri (2013), y está estructurada sobre la idea de experiencia de Roberto Corrêa dos Santos (2015); en el método de desviación y en la respiración del pensamiento en Walter Benjamin en Berenstein y Velloso (2023); en la discusión sobre el cuerpo y las ciudades a través de la retórica del caminar de Certeau (2000); y en el concepto de investigador cambono de Simas y Rufino (2018).

Palabras clave: caminata; procedimientos; Mutirão; ciudad; cuerpo.

Abstract: The text presents creation procedures based on performative transits in cities in western Bahia carried out in 2023 by members of Mutirão: Research Atelier in Visual Arts, Body and Education, from Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Such procedures start from reading workshops, body exercises, writing and drawing about family and daily displacements, in the public and private spaces of each participant. The displacements lead us to three lists of verbs and nouns that, when drawn, (dis)orient the collective journey. The research is based on the book Walkscapes: o caminhar como prática estética, by

¹ Violeta Pavão é doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGArtes-Uerj) e professore no curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Oeste da Bahia (Ufob). Integra os grupos de pesquisa Temporalidades Inconciliáveis (Uerj), Egungun: Grupo de Pesquisa em Ancestralidades, Cerâmica e Decolonialidades na Arte e na Educação, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), e coordena o projeto de pesquisa Mutirão: Ateliê de Pesquisa em Artes Visuais, Corpo e Educação (Ufob). Email: violeta.mendes@ufob.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5132-9856>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9062689067165063>.

Francesco Careri (2013), and is structured on the idea of experience by Roberto Corrêa dos Santos (2015); in the deviation-method and in the breathing of thought in Walter Benjamin in Berenstein and Velloso (2023); in the discussion about the body and cities through the rhetoric of walking by Certeau (2000); and in the concept of the cambono researcher by Simas and Rufino (2018).

Keywords: walking; procedures; Mutirão; city; body.

1 EXPERIÊNCIA NO CAMINHAR

E assim: não preparar-se para; a experiência trava no preparar-se. Como preparar-se para a morte ou para a vida? Indo por aí, derivas, derivas – mesmo em estado relativamente estático; o preparo tantas vezes liga-se ao costumeiro produzir da moeda-ansiedade, com seu outro lado direto e a virar-se – o deprimir-se. Se assim ocorrer, recolhe-se isso, esse isso da cena das sensações, ou seja, seus traços e linhas e pontos e integra-o, na experiência, isto é, na grande catadora de imagens para seu serviço diário (Corrêa dos Santos, 2015, p. 40).

Sete pessoas se juntam para pesquisar sobre corpo, educação e cidade. Nesse conjunto, os exercícios da performance são responsáveis por ativar procedimentos de criação em arte, por meio dos quais os trajetos de vida e trajetos cotidianos vão fornecendo instrumentos para a criação de programas de deslocamentos em cidades interiorizadas. A partir do projeto de pesquisa Mutirão: Ateliê de Pesquisa em Artes Visuais, Corpo e Educação, criado na Universidade Federal do Oeste da Bahia (Ufob), os encontros passaram a se alternar em trânsitos performativos entre o espaço da universidade e espaços das cidades da Bacia do Rio Corrente, no extremo oeste baiano.

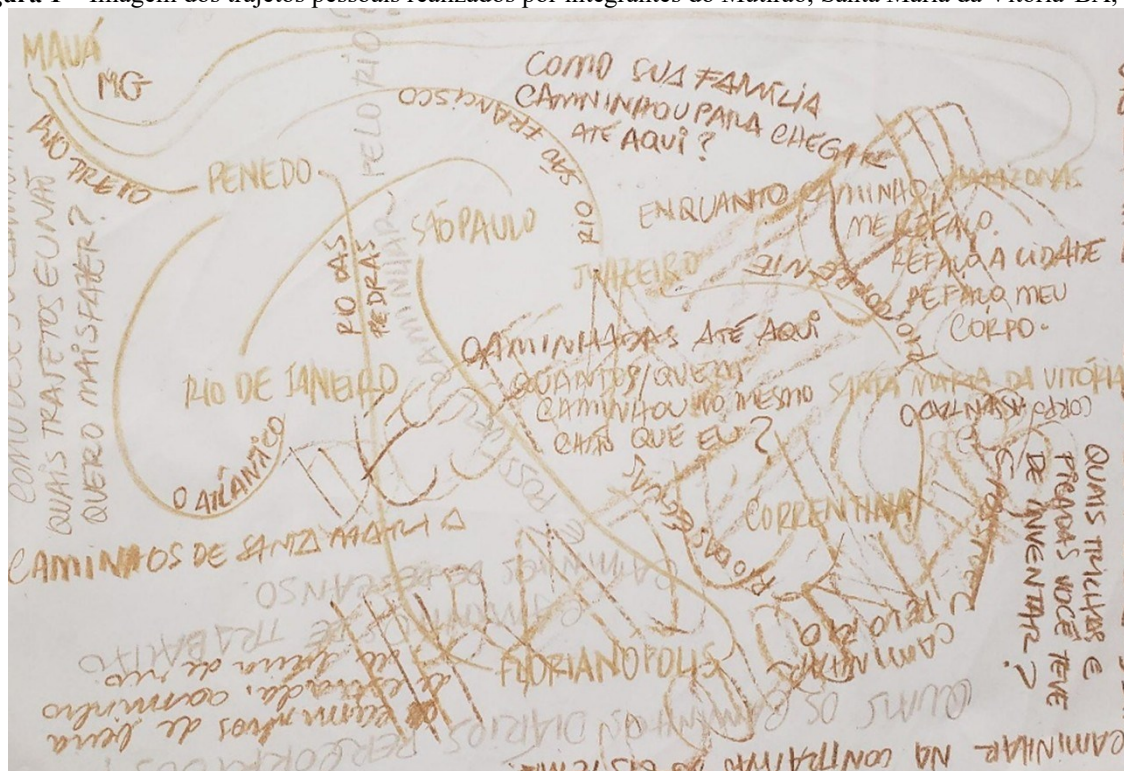
A partir disso, nas linhas que seguem, acompanharemos o trabalho do grupo para conceber procedimentos que guiam, ainda que em rodopios, uma caminhada urbana realizada em 2023. As linhas do texto são orientadas e desorientadas a partir de três conjuntos de palavras que instauram modos de ativação do corpo em deslocamento: 1) trilhar, o rio, girar; 2) acreditar, as lutas, trabalhar; e 3) trabalhar, os desejos, trabalhar. Os exercícios urbanos se articulam, alimentam e gravam saberes através das solas dos pés e com a respiração do pensamento através dos conceitos da retórica do caminhar de Michel de Certeau (2000); da noção da experiência em Corrêa dos Santos (2015); das reflexões sobre experiência na cidade a partir de Walter Benjamin, retratado pelo estudo de Berenstein e Velloso (2023); e da expansão da investigação a partir do conceito de pesquisador cambono de Simas e Rufino (2018).

1 PALAVRAS DESORIENTADORAS PARA UM MÉTODO-DESVIO

A partir das páginas que abrem o livro *Walkscapes: o caminhar como prática estética*, de Francesco Careri (2013), que se trata de um conjunto de três colunas com uma relação de verbos na primeira coluna, uma relação de substantivos na segunda e a terceira com outros verbos, surgiu o desejo de criar jogos de palavras para desorientar os deslocamentos do Mutirão. Para chegarmos nas palavras, acordamos o corpo, refizemos trajetos de memória de vida e mergulhamos no tempo espiralar para conhecer os deslocamentos coletivos e individuais que reconfiguraram os territórios do oeste baiano, os desejos que movem o caminhar e os rastros que nossos pés criaram e criam cotidianamente no mapa das cidades, das zonas rurais e na pele de nossas casas.

Esses caminhos de vida formaram manchas, linhas, verbos, substantivos, advérbios, pronomes e encruzilhadas em que paramos, olhamos e fizemos escolhas (figuras 1 e 2). A partir daí, coletamos verbos e substantivos que passariam a nos guiar em jogos de errâncias e juntamos as palavras em três “montinhos”, um dos verbos, um dos substantivos e outro de outros verbos, para bagunçar o sentido criado entre as duas primeiras palavras. Após isso, fomos para a rua e sorteamos o primeiro conjunto de palavras.

Figura 1 – Imagem dos trajetos pessoais realizados por integrantes do Mutirão, Santa Maria da Vitória-BA, 2023



Fonte: Acervo do Mutirão.

O procedimento que adotamos no Mutirão convoca os corpos para jogar com os fragmentos contidos no experienciar a cidade. As palavras passam a compor um modo de caminhar, de olhar para os espaços percorridos e de escutar o território — desde o som do atrito das pedras no chão com a sola de nossos sapatos ao ruído bruto e pesado da bomba puxando água do rio, que só percebemos quando mergulhamos nossas cabeças dentro d'água. As palavras abrem passagens e becos destruindo e reconstruindo sentidos, instaurando gestos que nascem e se tornam ruínas continuamente. O corpo é criador e testemunha dos sentidos gerados e refeitos na e pela cidade e o tempo-espaço de um caminhar que atravessa a cidade com um propósito definido e rígido é implodido em espirais estelares.

Figura 2 – Investigação dos trajetos pessoais realizados no Mutirão, Santa Maria da Vitória-BA, 2023



Fonte: Acervo do Mutirão.

Este texto parece buscar, também, seu próprio método para se realizar e para poder apontar caminhos para as reflexões e escrita sobre o saber incorporado realizado através dos procedimentos do Mutirão. Diante do desafio de criar um corpo teórico para as práticas realizadas pelo Mutirão no chão de São Félix do Coribe e Santa Maria da Vitória, tomaremos emprestado o método-desvio de Walter Benjamin através das análises de Berenstein e Velloso (2023), as quais demonstram que o autor considera que um modo de conhecimento das cidades se dá a partir dos detalhes oferecidos por elas:

O método, na filosofia de Benjamin, desenvolve-se como uma caminhada em que se encontram seguidas bifurcações, longas curvas; o conhecimento demanda esforço, disposição e um exercício, que somente são levados a cabo por meio de uma atenção firmemente dedicada ao longo da trajetória. Nesse caminho, a condição de chegada é perceber os pormenores do conteúdo material e, assim, estabelecer relações entre os fragmentos, os detalhes e o todo (Berenstein; Velloso, 2023, p. 17-18).

Os pormenores são materiais fundamentais para se experienciar e refletir sobre as cidades-enigmas. O método-desvio de Benjamin nos oferece caminhos para a respiração do pensamento quando estamos diante da tarefa reflexiva sobre uma experiência encarnada. De acordo com Benjamin (2004, p. 31 *apud* Berenstein; Velloso, 2023, p. 81), “à profunda respiração do pensamento, que depois de tomar fôlego se pode perder, sem pressas e sem o mínimo sinal de inibição, no exame minucioso dos pormenores”.

Ademais, interessa a esta pesquisa fazer o cruzo dos pensamentos de Benjamin com o conceito praticado de Simas e Rufino (2018, p. 36) sobre o *pesquisador cambono*, que, sempre em movimento, prática rodopios no intuito de encantar saberes atentos à presença do outro em nossas próprias vozes:

A busca, neste caso, é pela mobilidade constante. Os caminhos, ao invés de apresentados como lineares, devem ser codificados em encruzilhadas. É nesse sentido que a partir dos saberes assentados em uma epistemologia das macumbas destacamos o ato de se fazer pesquisa como a prática de quem cambona. Em outras palavras, destacamos as

possibilidades das práticas de rodopio, cruzo e encante a partir da atitude do pesquisador cambono.

Os autores acrescentam que o modo de operação cambono tem o desconhecido e a experiência prática como materialidades do trabalho. Além disso, o pesquisar em atitude de cambono nos desloca e nos coloca diante de uma intrigante condição, pois nos lança na porteira da condição de não saber e da emergência do ato de praticar (Simas; Rufino, 2018). Entre rodopios, cruzos e desvios, convidamos vocês para caminharem conosco entre/sob/sobre carrancas, passarelas, beiras, sinucas e fundo dos rios.

2 TRILHAR, RIO, GIRAR

Figura 3 – Trilhar-rio-girar, palavras sorteadas, Santa Maria da Vitória-BA, 2023



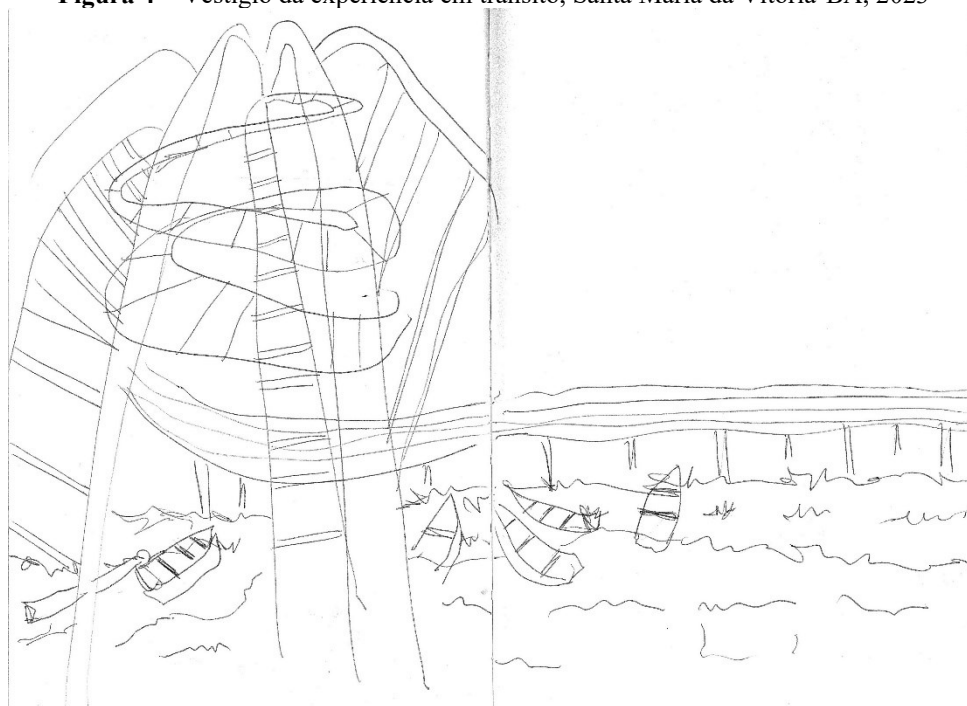
Fonte: Acervo do Mutirão.

Em um fim de tarde de novembro, nos encontramos na beira do rio Corrente, em Santa Maria da Vitória, para mais uma ação do Mutirão. Flavia levou os três montes de palavras — verbo, substantivo, verbo —; Dielly chegou em sua moto com um cansaço no corpo; e Nara, com seu tempo calmo, atento e silencioso, se aproximou. No beiral do rio, tiramos nosso primeiro conjunto de palavras e seguimos.

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfileiro. Essa arte aprendi tardiamente; ela tornou real o sonho cujos labirintos nos mata-borrões de meus cadernos foram os primeiros vestígios (Benjamin, 1987, p. 73 *apud* Berenstein; Velloso, 2023, p. 17-18).

Benjamin coleta imagens e lembranças das grandes cidades por onde passou e nos acorda para o paradoxo, também presente em Simas e Rufino (2018), sobre a construção de uma epistemologia urbana que prima pelo desconhecido como fonte de instrução. Na perspectiva de uma lógica linear de conhecimento, isso pode implicar em uma possível contradição: como praticar o que não se sabe? (Simas; Rufino, 2018). A pergunta, que não tem resposta, quer é ver o corpo cambonando.

Figura 4 – Vestígio da experiência em trânsito, Santa Maria da Vitória-BA, 2023



Fonte: Acervo do Mutirão.

Instruídes por esta vontade de cambonar entre palavras e as materialidades da cidade, buscamos experienciar e, quem sabe, criar uma epistemologia interiurbana, já que estamos falando e vivendo a partir de pequenas cidades do oeste baiano que em muito se diferenciam das cidades-referência de Benjamin e de Michel de Certeau.

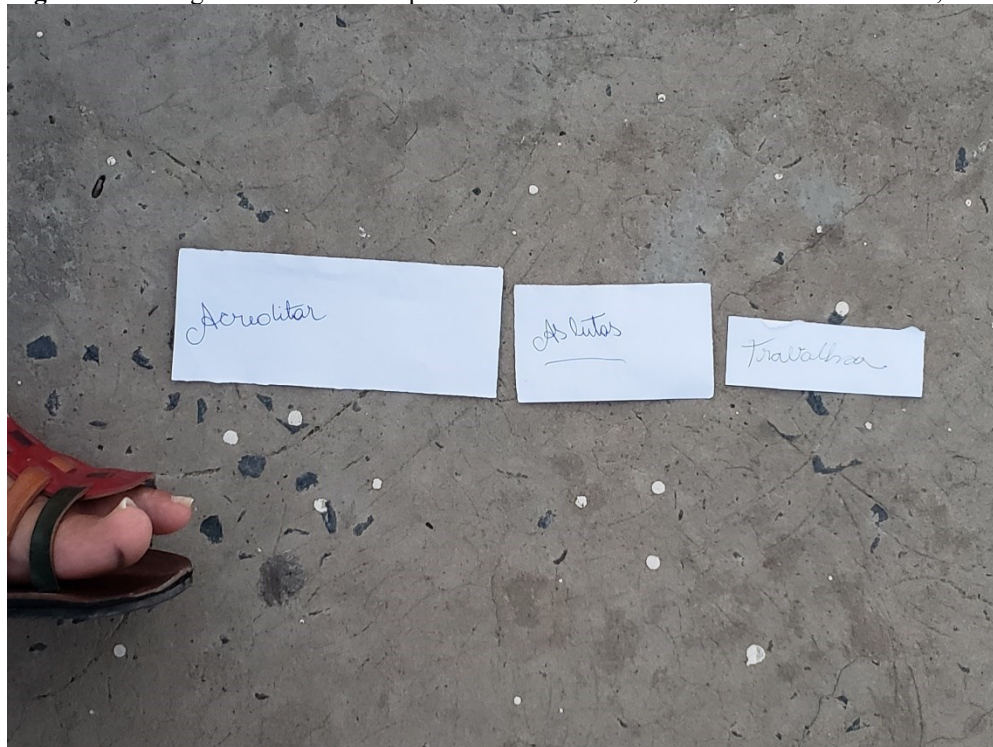
Sobre a retórica do caminhar, no capítulo “A fala dos passos perdidos”, Certeau (2000) faz uma análise comparativa entre a fala/palavra/língua/processos de enunciação com o ato de caminhar. O autor desmonta a hierarquia do saber da língua/palavra como superior aos gestos do corpo, às experiências encarnadas, gestualizadas. O autor afirma que “o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos” (Certeau, 2000, p. 177). Além disso, para o autor, a experiência do caminhar não pode ser reproduzida em qualquer traçado gráfico, pensamento que se aproxima da concepção de corpografia de Paola Berenstein (2008) enquanto experiência encarnada, corporificada, que não deve à escrita sobre o caminhar ou qualquer “registro” dela. Para Certeau (2000, p. 176), “essas fixações constituem procedimentos de esquecimento” e, para Berenstein (2008), as experiências ficam inscritas nos corpos.

A corpografia urbana de resistência se dá quando um corpo experimenta um espaço urbano não espetacular, e isso ocorre mesmo involuntariamente. Diferentes experiências urbanas podem ser inscritas em um corpo, o que pode resultar em diferentes corpografias. Essas corpografias podem ser cartografadas, mapeadas, representadas ou ilustradas. Alguns artistas já fizeram esse tipo de representação, mas são as próprias corpografias, já inscritas nos corpos como corporalidade, que nos interessam e estas não precisam ser representadas para se tornarem visíveis (Berenstein, 2008, s. p.).

Neste texto e na pesquisa do Mutirão, os jogos de palavras funcionam como ativadores dos passos perdidos e indicam um modo de caminhar, ao mesmo tempo em que bagunçam/desorientam estes caminhos. Os traçados gráficos se apresentam como rastros para se imaginar as corpografias — não na tentativa de dominar/apagar a experiência corporal ou reduzir as operações enunciativas das caminhadas (Certeau, 2000), mas como vestígios de uma ação corporificada; vestígios ficcionais da experiência em trânsito.

No meio da passarela, outro sorteio de palavras.

Figura 5 – Vestígios ficcionais da experiência em trânsito, Santa Maria da Vitória-BA, 2023



Fonte: Acervo do Mutirão.

3 ACREDITAR, AS LUTAS, TRABALHAR

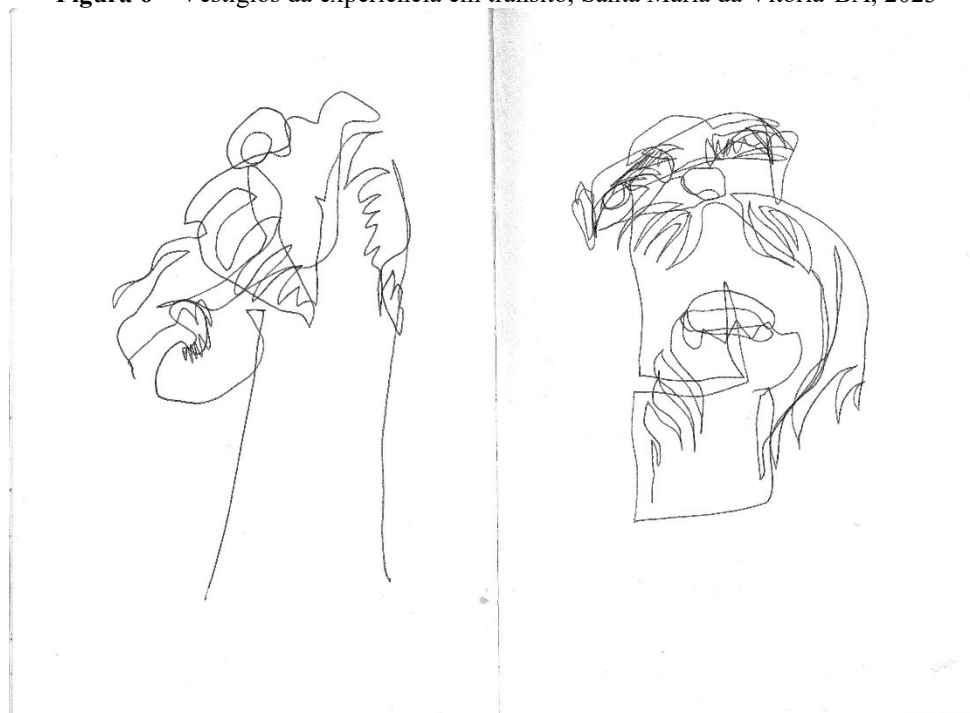
Severar os peixes. Nunca tinha ouvido esta palavra antes: severar. Severar como trabalho diário para chamar os peixes à superfície do rio. O rio responsável pelo nascimento da cidade e afluente do grande São Francisco, lá em Bom Jesus da Lapa. O rio que ainda é fonte de trabalho; dos tiradores de areia, que mergulham metros abaixo d'água para encher baldes de areia e têm marcas severas no corpo, em virtude do peso carregado e da extrema pressão da água. Os caminhos d'água que permitem conhecer o nascimento do Corrente, ali onde o Formoso encontra o Guará. O rio como aquele que foi palco de desfiles das figuras de proa do Mestre Guarany e que permitiu o estabelecimento dessa cultura carranqueira como força identitária do território.

Pra quem não sabe, Santa Maria da Vitória é a terra de uma das figuras mais importantes da arte das carrancas de proa: o Mestre Guarany². Fico imaginando Dona Ana das Carrancas³, carranqueira do barro de Petrolina-PE, navegando o São Francisco desde Petrolina até Santa Maria da Vitória para conhecer o carranqueiro que protegia as embarcações com sua arte. O rio também produz deslocamentos. O rio como caminho. O rio como trabalho. O rio como luta.

² Francisco Biquiba de La Fuente Guarany (Santa Maria da Vitória, Bahia, Brasil, 1884 - Santa Maria da Vitória, Bahia, Brasil, 1985) (Pêpe, 2014). Para saber mais, basta acessar: <http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/?verbete=mestre-guarany-francisco-biquiba-dy-lafuente&letra=&key=guarany&onde=tudo>.

³ Ana das Carrancas (Santa Filomena, distrito de Ouricuri, 18 de fevereiro de 1923 - Petrolina, 1 de outubro de 2008), que viveu até os 85 anos, foi artista ceramista e se destacou com a estética peculiar das suas carrancas de barro (Quem é [...], 2023). Para conhecer mais sobre a artista, basta acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=KmKB0G4pcOk>.

Figura 6 – Vestígios da experiência em trânsito, Santa Maria da Vitória-BA, 2023



Fonte: Acervo do Mutirão.

Os deslocamentos através das águas nos comunicam, também, sobre interrupções, movimentos forçados e desterramentos. Serra do Ramalho, por exemplo, município vizinho a São Félix do Coribe, teve sua cidade projetada para “receber” as famílias que estavam sendo realocadas em função da construção da Barragem de Sobradinho, no início da década de 1970, no submédio do São Francisco. Individualmente ou em coletivo, moradores das cidades alagadas subiram o rio para encontrar um projeto completamente destoante daquele que foi apresentado a eles. Os caminhos d’água também marcam os caminhos em direção às águas e muitas das famílias que hoje vivem na Bacia do rio Corrente chegaram ali à procura de água, fugindo das grandes secas. *Acreditar, as lutas, trabalhar*. Nesse conjunto espiralar, caminhamos refletindo e agindo na luta por dignidade, terra e água. Os passos perdidos do Mutirão imprimem e encontram, no chão do oeste, os passos de tantos outros que também se deslocaram, por terra ou pelas águas.

Descendo as espirais da passarela do outro lado, chegamos na Praça do Forró, já em São Félix do Coribe, onde as carrancas de cimento estão espalhadas em pedestais e atingem os seus três metros de altura — ou mais. Carrancas viradas para a praça, não para o rio. A praça recebe uma feira semanal às sextas e é território íntimo de três das quatro pessoas caminhantes daquele dia. Uma delas trabalhava na feira, vendendo pastéis, e outra vendia feijão catador e abóbora, plantados pelo pai em terreno emprestado. Elas riam, em estranhamento, do fato de voltarem a esse espaço da feira enquanto pesquisadoras e futuras professoras de arte. Conversamos sobre *acreditar as lutas trabalhar* que atravessam a praça, as pessoas e as coisas, enquanto observávamos os gestos de quem acabou o serviço e voltava para casa: alguns com passos lentos outros mais vorazes em chegar. Em frente à última carranca, que não podia nos encarar, pois sua altura e seu ângulo não foram feitos para as pessoas que andam por ali, andamos de ré para tentar ver a face dela e paramos perto de um bar. Nossos olhos miravam o bar e a sinuca que ali se expunha e, pelo movimento dos corpos, desejantes e receosos, perguntei: “você já jogaram sinuca?”.

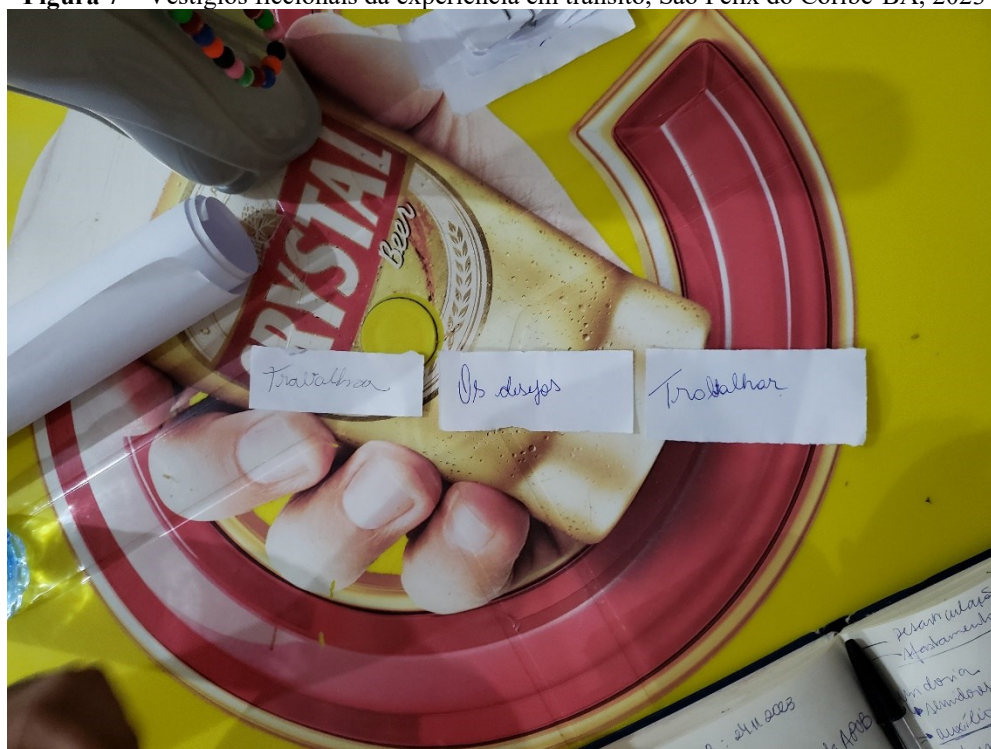
4 TRABALHAR, OS DESEJOS, TRABALHAR

Caminhamos para lá e, ainda do lado de fora, o receio foi verbalizado. O bar, como um ambiente majoritariamente masculino e como um território socialmente marcado, de alguma forma

expelia as mães, as mulheres e as corpos desviantes caminhantes de entrarem ali com conforto no corpo; de algum modo, o lugar inscrevia, nas suas portas e janelas, o limite de quem está “permitido” e quem está “excluído” daquele espaço. As cidades pequenas, como as que caminhamos, estudamos e trabalhamos, tendem a oprimir a liberdade das ações dos corpos dissidentes e acabam por marcar os corpos o tempo todo e, por isso, viciar os caminhos devidos e indevidos de experiência corporal da cidade. Não podemos dizer que o fato de entrarmos e ficarmos por alguns minutos naquele espaço diluiu as contrariedades ali contidas. O que foi possível perceber foi o fato de habitar-mos, com receio e desejo presentes no corpo ao mesmo tempo, uma fronteira política da experiência.

Quando entramos no bar, para esperar a dupla que jogava sinuca terminar seu jogo, tiramos nosso outro conjunto de palavras desorientadoras, o terceiro e último daquela boca de noite.

Figura 7 – Vestígios ficcionais da experiência em trânsito, São Félix do Coribe-BA, 2023



Fonte: Acervo do Mutirão.

Não seria a experiência o trabalho excessivo do desejo?

Não há memória ou registros possíveis da experiência; a experiência acontece como acontece a tomada de um corpo por alguma irrupção qualquer assim como por macios sustos de luz veloz; a experiência bem logo se dá, bem logo se esfuma; deixa a experiência sequer sobressaltos, ideias sem nome ou lembrança; para que assim seja, cuida a mente, em louvor à vida, de apagar a semântica e mesmo a sintaxe da experiência - sobram na carne dos que experimentam, miúdos dígitos, miudíssimas partículas; essas fornecem alimentos às sensações e as sensações percorrem aqueles entornos; com elas a coisa artística em toda parte: basta colher e ou fazer e ou ir e ou pensar e ou doar; eis o contemporâneo (Corrêa dos Santos, 2015, p. 42).

Essa fronteira habitada, que se apresentou ao cruzarmos uma linha da cidade, ao escolhermos simplesmente fazer, tornou possível com que sobrasse, em nossas carnes, miudíssimas partículas, dessas que Corrêa dos Santos (2015) diz que surgem nos corpos quando ocorre acontecimento da experiência.

Figura 8 – Vestígios ficcionais da experiência em trânsito, Flávia Alessandra, Dielly Alves e Maria das Graças Souza. Santa Maria da Vitória-BA, 2023



Fonte: Acervo do Mutirão.

Ao tratar sobre o conceito de retóricas ambulatórias, Certeau (2000) segue sua comparação entre o estilo e o uso da linguagem e das práticas cotidianas, sugerindo que, juntos, eles formam um estilo de uso, uma maneira de ser e maneira de fazer. A sinédoque e o assíndeto são as figuras de estilo esboçadas por J. F. Augoyard para olharmos para as práticas cotidianas do espaço:

A sinédoque [...] Essencialmente, ela designa uma parte no lugar do todo que a integra. [...] O assíndeto é supressão dos termos de ligação, conjunções e advérbios, numa frase ou entre frases. Do mesmo modo, na caminhada, seleciona e fragmenta o espaço percorrido; ela salta suas ligações em partes inteiras que omite. Deste ponto de vista, toda caminhada continua saltando, saltitando, como a criança, “num pé só”. Pratica a elipse de lugares conjuntivos (Certeau, 2000, p. 181).

Para o autor, a arte de “moldar” frases tem como equivalente uma arte de moldar percursos (Certeau, 2000) e é possível observar, nos procedimentos de criação do Mutirão apresentados acima, um cruzamento desses dois lugares — o da enunciação das palavras e dos percursos — em um só: o da ativação do corpo a partir do jogo das palavras que molda os percursos. Esse “um só” não pretende misturar os dois territórios, mas, sim, habitar a encruzilhada em que eles estão a partir das especificidades da experiência do corpo e pelos jogos de sentidos das palavras aí convocados. O jogo assíndeto das palavras, como o procedimento do Mutirão e os vestígios aqui trazidos como sinédoque de uma experiência do caminhar. De acordo com o autor, “o espaço assim tratado e alterado pelas práticas se transforma em singularidades aumentadas e em ilhotas separadas” (Certeau, 2000, p. 181).

O deslocar/o ampliar/ o exercer/ o avançar. A experiência em arte, em arte contemporânea, não se acumula; caso se utilize alguém da “experiência” em um suposto “tal como antes já fez”, valer-se-á o alguém de coisa morta; portanto, corre o mau gosto de vida repetir o mesmo, ao ponto de moldarem-se a vida e os efeitos em cacoetes, tripé, terceira perna (a terceira perna estabiliza, e torna imóvel, congela). Tanta coisa dita, nomeada de arte apoia-se no “deu certo”. O deu certo está fora do teste, da prova, da

ousadia, da experiência. A experiência não se deixa usar (usam-se dela as inscrições, as cifras, seus códigos de subjetivações-mais). A experiência não acumula, não soma. A experiência ativa, dispara dispositivos de arte - de vida [...] (Corrêa dos Santos, 2015, p. 42).

O jogo das palavras atua como procedimento cambono entre o corpo e a cidade e como possibilidade de instauração da experiência, que, como nos lembra Corrêa dos Santos (2015), não acontece pelo que “deu certo”, mas se dá pelo corpo implicado no acontecimento. De acordo com Simas e Rufino (2018, p. 37), “o cambono pratica. É na encruza que ele acende a vela e vela a vida, brindada com o gole de marafo que será cuspidor para reinventá-la. Gargalhemos”.

5 O CAMINHO QUE TERMINA EM JOGO

Reconhecer e esmiuçar os procedimentos de pesquisa do Mutirão, que contêm, em si, os desvios e caçapas como materialidades da experiência em trânsito, aponta para um modo de se produzir caminhos: o da instauração de jogos do não saber. Um caminho que termina em jogo cria operações constantes do corpo em experiência e insere-o nas encruzilhadas para a construção de conhecimentos que acontecem a partir de uma “atenção firmemente dedicada ao longo da trajetória” (Berenstein; Velloso, 2023, p. 83). Essa dedicação requer abertura para que a experiência possa acontecer de maneira não programada; para que o que não se sabe importe; para que o corpo e a cidade possam criar, juntos, travessias irruptivas.

O empréstimo dos conceitos de *respiração do pensamento* e *método-desvio*, de Benjamin, auxilia no processo de reflexão e ação críticas, sobre os quais pesquisadores em cambonagem se debruçam. Além disso, o movimento pendular que se dá entre as palavras reflexivas, as imagens-vestígios e o corpo em experiência compõe o mosaico de pesquisa sobre a retórica contida no caminhar e as corpografias urbanas como campos fartos de investigação. Assim, o procedimento cambono integra, nesta pesquisa, o método-desvio, que desemboca em uma epistemologia interiurbana através das ações do Mutirão.

É importante destacar que nenhuma imagem ou palavra marcada neste texto pretende substituir o que foi ativado nas células dos corpos caminhantes das ruas de Santa Maria da Vitória e São Félix do Coribe. As imagens e palavras desta pesquisa escolheram criar vestígios de forma fragmentada e não cumulativa, sem nenhum compromisso com qualquer tipo de verdade. Assim, os vestígios ficcionais das experiências em trânsito do Mutirão desejam dançar nos corpos, olhos, ouvidos e línguas das pessoas que chegaram ao fim deste texto.

Por fim, agradeço a cada pessoa do Mutirão que sai de sua casa, aos sábados e domingos, para, em ajuntamento, criar experiências em arte com a sola dos pés.

Referências

BERENSTEIN, P. J. Corpografias urbanas. *Revista Vitruvius*, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 2 maio 2026.

BERENSTEIN, P. J.; VELLOSO, R. *Enigma das cidades: ensaio de epistemologia urbana em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Cosmópolis, 2023.

CARERI, F. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Tradução: Frederico Bonaldo. 1. ed. São Paulo: G. Gili, 2013.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 2000.

CORRÊA DOS SANTOS, R. *Cérebro-Occidente / Cérebro-Brasil: arte-escrita-vida-pensamento-clínica*. Tratos contemporâneos. Rio de Janeiro: Circuito, 2015.



PÊPE, S. P. Mestre Guarany (Francisco Biquiba dy Lafuente). In: FREIRE, L. A. R.; HERNANDEZ, M. H. O. (org.). *Dicionário Manuel Querino de Arte na Bahia*. Salvador: UFBA, 2014. Disponível em: <https://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/?verbete=mestre-guarany-francisco-biquiba-dy-lafuente&letra=&key=guarany&onde=tudo>. Acesso em: 2 maio 2026.

QUEM É Ana das Carrancas? | Programa Campus. Rio de Janeiro: Uerj, 2023. 1 vídeo (8 min 57 s). Publicado pelo canal TV Uerj. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KmKB0G4pcOk>. Acesso em: 2 maio 2026.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. (org.). *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

Submissão: 16/12/2025

Aprovação: 29/04/2026

